

TESOURO EM VASOS DE BARRO: ESCRITURA, MODERNIDADE E CIÊNCIA

TREASURE IN JARS OF CLAY: SCRIPTURE, MODERNITY, AND SCIENCE

 <https://doi.org/10.63330/armv2n8-011>

Submetido em: 20/08/2026 e Publicado em: 27/08/2026

ARM: e262178

Gabriel Nassib Mezher Joumblat

Bacharel em Teologia

Seminário Teológico de Gramado

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5941-1821>

Tiago Antonio Finger

Bacharelado em Teologia

Escola Superior de Teologia - Faculdades EST

E-mail: tiago.finger@gmail.com

Resumo

Este artigo investiga a relação entre Escritura, modernidade e ciência bíblica, tendo como problema a tensão entre a autoridade das Escrituras e a exigência moderna de literalidade e historicidade absolutas. Parte-se da hipótese de que a compreensão da Escritura como objeto de infalibilidade pode produzir o que Hans-Jürgen Prien denomina “Papa de papel”, substituindo a autoridade papal por uma autoridade textual absoluta. Metodologicamente, realiza-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter histórico-hermenêutico, mediante análise de fontes teológicas e filosóficas. A pesquisa reconstrói o contexto do Iluminismo e sua influência na ciência bíblica, examinando o conceito de “Papa de papel” e sua relação com a *sola Scriptura*. A metáfora do “tesouro em vasos de barro” (2Co 4.7) orienta a compreensão da dimensão humana da Escritura como testemunho de Cristo, sustentando que a ciência bíblica pode servir à Igreja sem ameaçar a fé.

Palavras-chave: Ciência Bíblica; Crítica Textual; Hermenêutica Bíblica.

Abstract

This article investigates the relationship between Scripture, modernity, and biblical scholarship, addressing the tension between the authority of Scripture and the modern demand for absolute literality and historicity. It is based on the hypothesis that understanding Scripture as an object of infallibility may produce what Hans-Jürgen Prien calls a “paper Pope,” replacing papal authority with an absolute textual authority. Methodologically, this study employs bibliographic research with a qualitative, historical-hermeneutical



approach, through the analysis of theological and philosophical sources. The research reconstructs the context of the Enlightenment and its influence on biblical scholarship, examining the concept of the “paper Pope” and its relationship to *sola Scriptura*. The metaphor of “treasure in jars of clay” (2 Cor. 4:7) guides the understanding of Scripture’s human dimension as a testimony to Christ, arguing that biblical scholarship can serve the Church without threatening faith.

Keywords: Biblical Hermeneutics; Biblical Scholarship; Textual Criticism.

1 INTRODUÇÃO

A Escritura ocupa um lugar singular na fé cristã. Ela é, simultaneamente, testemunho da revelação de Deus, fundamento da proclamação do Evangelho e objeto de investigação teológica. Essa condição produz uma questão particularmente complexa quando a Bíblia é estudada no interior da ciência moderna: como compreender sua autoridade teológica quando seus textos também são examinados segundo critérios históricos, literários, linguísticos e críticos? A questão se torna ainda mais sensível quando a autoridade das Escrituras é associada à exigência de literalidade e historicidade absolutas, como se sua função teológica dependesse da ausência de qualquer tensão própria de sua dimensão humana.

É nesse problema que se concentra o presente artigo. A pesquisa delimita-se à relação entre Escritura, modernidade e ciência bíblica, tendo como problema central a tensão entre a autoridade teológica das Escrituras e os pressupostos epistemológicos da investigação bíblica moderna. Não se pretende, portanto, estabelecer uma oposição entre fé e ciência, nem realizar uma defesa ou rejeição geral do método histórico-crítico. O objetivo é investigar de que maneira a ciência bíblica pode exercer sua função crítica sem que a razão moderna se transforme em tribunal absoluto da revelação, e, simultaneamente, como a defesa da autoridade das Escrituras pode evitar sua transformação em uma autoridade textual absoluta.

O objetivo geral consiste em analisar a relação entre autoridade escriturística e ciência bíblica a partir da tensão estabelecida pela modernidade entre revelação, razão e investigação histórica. Como objetivos específicos, busca-se compreender os pressupostos que sustentam essa tensão; examinar diferentes compreensões da autoridade bíblica no debate teológico moderno; analisar o conceito de “Papa de papel”, conforme empregado por Hans-Jürgen Prien; e estabelecer um diálogo com a **sola Scriptura** e com as contribuições de Karl Barth e Gottfried Brakemeier.

A relevância da pesquisa encontra-se na necessidade de tratar a ciência bíblica sem reduzi-la a uma ameaça à fé cristã e, ao mesmo tempo, de tratar a autoridade das Escrituras sem convertê-la em uma forma de absolutização textual. A questão possui particular importância para a tradição protestante, na qual a Escritura ocupa lugar normativo, mas cuja autoridade não pode ser compreendida isoladamente de seu caráter testemunhal e cristológico. Nesse sentido, a investigação procura contribuir para uma compreensão



na qual a crítica bíblica e a confissão da fé não sejam necessariamente apresentadas como realidades excludentes.

Teoricamente, a pesquisa dialoga com autores que representam diferentes perspectivas sobre razão, revelação, Escritura e hermenêutica. Hans-Jürgen Prien fornece a categoria do “Papa de papel”, fundamental para a problematização da absolutização textual; Karl Barth contribui para a compreensão da Escritura em sua relação com a revelação e o testemunho de Cristo; e Gottfried Brakemeier oferece uma reflexão situada no contexto da teologia protestante brasileira sobre a autoridade e a interpretação das Escrituras. Esse diálogo é articulado à compreensão da **sola Scriptura**, não como simples afirmação de uma autoridade textual isolada, mas como princípio teológico relacionado à própria natureza do testemunho bíblico.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter histórico-hermenêutico, fundamentada na análise de fontes filosóficas e teológicas. A investigação parte da distinção entre a Escritura como objeto da investigação científica e a Escritura como testemunho teológico, buscando compreender os limites e as possibilidades dessa relação. A metáfora paulina do “tesouro em vasos de barro” (2Co 4.7) orienta, por fim, a reflexão sobre a dimensão humana da Escritura e sua função como testemunho de Cristo. Assim, a pergunta fundamental que atravessa o artigo não é simplesmente se a Escritura pode ser submetida à crítica, mas se é possível reconhecer sua humanidade sem perder de vista o tesouro que ela testemunha.

2 O ILUMINISMO E O SURGIMENTO DE UMA CIÊNCIA BÍBLICA

Muitos estudiosos se dedicaram a entender o fenômeno da modernidade e como o mesmo afetou muitas áreas de estudo. De algum modo, a linha entre modernidade e contemporaneidade é tênue e por vezes quase imperceptível, fazendo com que teóricos chamem a atual condição de “hipermodernidade”, como fez Gilles Lipovetsky.¹

No entanto, é impossível falar dessa continuidade ou ruptura sem retornar às suas próprias bases fundantes, a saber, o movimento Iluminista e o ideal da razão autônoma, mais precisamente a construção do pensamento Kantiano que influenciaria todo o pensamento posterior em uma gama de áreas de estudo como a filosofia, a sociologia e também a teologia, esta última se encontrando diante de um novo paradigma na investigação da própria Escritura.

O iluminismo em seu ímpeto de valorização da razão humana e do homem como sujeito livre (antropocentrismo) foi grande motor para um novo tipo de pensamento, um onde o homem encontra a si mesmo e, diante do artifício de sua própria razão, contempla o mundo, o que Kant nomeia de

¹ LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004, p.84.



Esclarecimento (Aufklärung)². A negação de tal faculdade racional era uma espécie de covardia aos seus pensadores, uma vez que tal uso era a libertação humana e tal autonomia do pensamento racional um caminho seguro para a descoberta da verdade. É Kant que estabelece esse conceito:

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [Aufklärung].³

“*Sapere Aude!*” ou “Ouse Saber”. Quando focamos no desenvolvimento desse novo paradigma, vemos um novo tipo de ser humano, um que muda sua órbita comunitária e dogmática para a proclamação de sua autonomia, uma libertação do pensamento que produz dois resultados visíveis: o desenvolvimento de uma ciência metodológica e racionalista e, como observado por Max Weber, o desencantamento do mundo⁴. Isso passa a atingir muitas camadas e a reconfigurar todo um escopo social e científico, é o nascimento da ciência moderna, mais crítica, que pouco se concentra em suas bases filosóficas e busca um conhecimento objetivo, verificável e historicamente demonstrável. Ao transpormos essa visão promulgada no iluminismo para o estudo teológico, surge uma nova “ciência bíblica”, uma que não toma a revelação escriturística apenas por objeto de proposições dogmáticas, mas por um objeto histórico que, tal como o Cristo, encarna na realidade humana e dela participa.

Essa mudança, contudo, não surge em um vácuo histórico. Antes que a razão iluminista colocasse a Escritura sob investigação crítica, a própria Reforma Protestante já havia deslocado o eixo da autoridade teológica. Ao defender o *Sola Scriptura*, Martinho Lutero rompe com a centralidade normativa do magistério romano e coloca a Escritura como instância suprema de juízo teológico. Na Dieta de Worms, em 1521, Lutero afirma estar “cativo à Palavra de Deus”⁵, recusando qualquer retratação que não pudesse ser demonstrada pelas Escrituras e pela Razão.

Diferente dos antecessores escolásticos, que se preocupavam com uma defesa e formulação lógica da teologia e para isso se valiam da metafísica grega, os novos teólogos pós-kantianos orbitariam o estudo por uma visão de como a revelação afeta o homem no seu interior e sua relação com os demais(ética) e como a bíblia dialoga com essa nova razão autônoma em um mundo desencantado(crítica).

² KANT, Immanuel. *Resposta à Pergunta: Que é “Esclarecimento” [“Aufklärung”]*? In: Immanuel Kant Textos Seletos. Edição bilíngue. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100

³ Idem

⁴ CARVALHO, Alonso Bezerra De. “*Desencantamento do mundo e ética na ação pedagógica: reflexões a partir de Max Weber*”. Educação e Pesquisa, v. 36, n. 2, agosto de 2010, p. 585–98.

⁵ LUTHER, Martin. Acta et res gestae, D. Martini Lutheri, in comitiis principu[m] Wormaciae. Straßburg: Schott, 1521. 14 f. Disponível em: <https://mdz-nbn-resolving.de/details:bsb00027453>. Acesso em: 7 jul. 2026.



O cristianismo passa a ser interpretado em sua dimensão ética e a Escritura passa a ser vista do ponto de vista estritamente racional. No entanto, importa ressaltar que toda essa dinâmica possui algumas legítimas perguntas que surgem em Kant e em seus sucessores: pode a fé dialogar com uma razão autônoma? É a razão uma ameaça a revelação bíblica? Quando esta parece contradizer a escritura, em qual lado se deve ficar?

As perguntas levantadas nessa introdução não são meramente retóricas; elas constituem o nervo central de toda a teologia moderna e da hermenêutica bíblica que dela deriva. A tensão entre razão e fé, longe de ser uma novidade iluminista, possui raízes antigas, mas é no contexto do *Aufklärung* que ela adquire nova dimensão, uma vez que a razão deixa de ser *ancilla theologiae* (serva da teologia), como fora na escolástica medieval, e passa a reivindicar autonomia plena, tornando-se o tribunal diante do qual toda afirmação, inclusive a revelação bíblica, deveria prestar contas.

Kant, em sua *Religião nos Limites da Simples Razão* (1793), não abandona a religião verdadeira, mas a reconfigura. Para ele, a religião não reside nos dogmas ou nas afirmações históricas, mas na moralidade racional que o ser humano descobre em si mesmo por meio da razão prática que se diferenciaria da “fé eclesiástica”, uma fé histórica e contingente distinta da fé racional pura⁶.

Isso inauguraria uma hermenêutica racionalista que faria uma releitura ética e cultural do elemento sobrenatural, herança herdada por Friedrich Schleiermacher *a posteriori*, lançando as bases do Liberalismo Teológico, uma proposta religiosa puramente racionalista, ligada a dimensão ética do cristianismo. Schleiermacher desloca o eixo da teologia do dogma e da revelação objetiva para a experiência religiosa subjetiva, o “sentimento de absoluta dependência” (*schlechthinniges Abhängigkeitsgefühl*)⁷. Para ele, a Escritura não é o ponto de partida normativo da fé, mas o testemunho histórico da experiência de uma comunidade; sua autoridade é derivada e funcional, não ontológica. Nasce aqui o projeto de uma hermenêutica psicológica, na qual compreender um texto é reviver a experiência interior do autor.

Esse movimento não seria unânime. Kierkegaard apontaria que a fé cristã não é uma etapa superável pelo saber racional, mas um salto existencial diante do paradoxo: o Deus eterno que entra no tempo, o infinito que se faz finito. A tentativa iluminista de domesticar a revelação nos limites da razão não produziria uma fé mais madura, mas uma fé despida de seu elemento mais essencial, o escândalo do particular histórico⁸. Rudolf Otto critica a definição de Schleiermacher sobre a “sensação de dependência absoluta”

⁶GRUPILLO, Arthur. *Kant e as ambiguidades da religião nos limites da simples razão*. Kant e-prints, Campinas, SP, v. 18, n. 00, p. 7–26, 2023. DOI: 10.20396/kant.v18i00.8673525. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/kant/article/view/8673525>. Acesso em: 27 maio. 2026.

⁷SCHLEIERMACHER, Friedrich. *The Christian Faith*. Edinburgh: T&T Clark, 1928. v. 1, §4, p. 12.

⁸KIERKEGAARD, Søren. *Philosophical Fragments*. Tradução de Howard V. Hong e Edna H. Hong. Princeton: Princeton University Press, 1985, p. 47.



por considerá-la uma interpretação excessivamente racional e subjetiva da experiência religiosa⁹. Essa tensão atravessaria todo o debate teológico dos séculos XIX e XX, encontrando expressão também em Ritschl, Harnack e Troeltsch, e posteriormente na reação vigorosa de Karl Barth, cuja Teologia Dialética recusaria e afundaria o projeto liberal de assimilação do cristianismo à razão moderna.

O que esse percurso evidencia é que o surgimento da ciência bíblica moderna não é um fenômeno isolado ou meramente técnico, mas o resultado de uma profunda reconfiguração epistemológica que redefine as relações entre história e revelação, entre fé e saber. É precisamente nesse contexto que emerge uma das questões mais sensíveis para a tradição protestante: se a razão autônoma passa a julgar a Escritura, qual é ainda o lugar e a autoridade da Bíblia? E se a Escritura sozinha não pode mais ser aceita como norma inquestionável, quem ou o quê ocupa esse lugar? É essa pergunta que leva ao debate em torno do conceito de “Papa de papel”, a reação católica ao *Sola Scriptura* de Lutero e as tentativas de releitura do princípio escriturístico por teólogos como Barth e Brakemeier, tema do tópico seguinte.

3 O CONCEITO DE “PAPA DE PAPEL”: A REAÇÃO CATÓLICA À *SOLA SCRIPTURA* E AS LEITURAS DE KARL BARTH E GOTTFRIED BRAKEMEIER

A consolidação do princípio reformador da *sola scriptura* enfrentou, logo após os anos iniciais da Reforma, o desafio de sua própria institucionalização. Enquanto os reformadores de primeira geração, como Lutero mantinham uma relação dinâmica entre a Palavra e o Espírito, a ortodoxia protestante posterior, movida por uma necessidade apologética de responder o Concílio de Trento (1546), buscou blindar a autoridade bíblica por meio da doutrina da inspiração verbal. Para Martinho Lutero, a autoridade da Bíblia não residia em uma qualidade intrínseca da “letra morta”, mas em sua capacidade de “promover a Cristo” (*was Christum treibet*).¹⁰ No entanto, após a morte dos primeiros reformadores, a igreja católica reagiu à Reforma afirmando que a Escritura era insuficiente e obscura por si mesma, necessitando de Tradição oral e do Magistério para ser interpretada corretamente.

Em resposta a esse “déficit normativo” apontado pelo catolicismo, a ortodoxia protestante dos séculos XVII e XVIII buscou uma blindagem racionalista para a Bíblia. Desenvolveu-se a doutrina da inspiração verbal e plenária, que afirmava que o Espírito Santo de Deus teria ditado cada palavra aos autores bíblicos, os quais agiam como copistas inerrantes. Ao tentar garantir uma infalibilidade absoluta do texto, a ortodoxia acabou por “mumificar” a Palavra. Esse movimento substituiu a autoridade viva do Papa Romano por uma autoridade documental, o que a crítica teológica, posteriormente denominou de “Papa de

⁹ OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. [Traduzido por] Walter O. Schlupp. - São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007, p. 41.

¹⁰ LUTERO, Martinho. Prefácio aos livros do Novo Testamento (1522). In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*: vol 8: Interpretação Bíblica - Princípios. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. p.



Papel” - uma tentativa humana de possuir e controlar a revelação divina através de um código de leis ausente de erros. Como descreve Hans-Jürgen Prien (1970): Ao substituir a doutrina romana da autoridade do papado pela doutrina da inspiração verbal da Bíblia, a ortodoxia não fez nada menos do que substituir o papa romano por um papa de papel!¹¹

A consolidação dessa doutrina gerou uma profunda ironia histórica: o movimento reformador, que surgiu para proclamar a liberdade do cristão perante as leis eclesiásticas acabou por criar um novo tipo de fardo legalista. Ao transformar a Escritura em um documento de infalibilidade formal e exigir uma sujeição cega ao texto bíblico, a ortodoxia sujeitou o próprio espírito da Reforma, que diferencia categoricamente o Evangelho da Lei. A Bíblia, que para Lutero era veículo de graça, foi convertida novamente em “lei” aceita de forma não refletida.

No século XX, Karl Barth emergiu contra o racionalismo da ortodoxia e o subjetivismo do liberalismo teológico. Barth argumentou que o erro da ortodoxia foi confundir o testemunho da revelação com a própria revelação. Para ele, a Bíblia não é a revelação de forma estática; ela torna-se Palavra de Deus no evento do encontro entre o Espírito Santo e o leitor.¹²

Barth propôs a doutrina da forma tríplice da Palavra de Deus: revelada (Jesus Cristo), escrita (Escritura) e pregada (proclamação da igreja).¹³ Ao aceitar a humanidade e falibilidade dos autores bíblicos, ou seja, sua capacidade de errar em questões históricas, geográficas e científicas, Barth libertou a bibliologia da perfeição factual para validação de verdade teológica. Ele reafirmou, pelas palavras do Apóstolo Paulo, que Deus, em Sua soberania, decide falar através de “vasos de barro”. Para Barth, a infalibilidade não é uma propriedade inerente do papel e da letra, mas uma qualidade do próprio Deus que fala.¹⁴

Dialogando com essa herança, Gottfried Brakemeier (2004) reforça que o princípio do *sola scriptura* corre o risco de se tornar um ídolo se for separado do seu centro crítico: o Evangelho. Brakemeier argumenta que a Bíblia não possui uma normatividade formal, onde cada versículo tem o mesmo peso jurídico, mas sim uma normatividade soteriológica.¹⁵ O que confere autoridade à Bíblia é a sua função de veículo da mensagem que salva e liberta.

O autor alerta que o uso literalista da Bíblia, chamada de “biblicismo” é uma forma de arbitrariedade que ignora o espírito da letra. Ele propõe que a ciência bíblica é essencial para a Igreja, pois ajuda a

¹¹ PRIEN, Hans-Jürgen. Palavra divina e palavra humana na Bíblia, ou a questão: onde está a verdade? Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 79-91, 1970.

¹² BARTH, Karl. *Dádiva e Louvor: ensaios teológicos*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

¹³ BARTH, 1986

¹⁴ BARTH, 1986

¹⁵ BRAKEMEIER, Gottfried. Somente a Escritura: avaliação de um princípio protestante. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 44, n. 1, p. 37-45, 2004.



desmascarar possíveis leituras fundamentalistas que aprisionam a mensagem cristã a mensagens antiquadas, do período pré-científico.¹⁶

Vale ressaltar que o questionamento ao conceito de “Papa de Papel” não significa que Barth, Brakemeier e Prien tenham negado ou diminuído a sacralidade dos textos bíblicos. Longe de representar um ceticismo, a perspectiva desses autores busca reafirmar essa sacralidade, a partir de uma leitura normativa soteriológica. Para Barth, a Bíblia se impõe como “Escritura Sagrada” precisamente por causa de seu conteúdo - Cristo - e por ser testemunha necessária para revelação de Deus.¹⁷ Por semelhante modo, Brakemeier defende a qualidade canônica da Bíblia, mas não derivada de critérios externos ou literalidade, do contrário, por seu conteúdo soteriológico - a mensagem da justificação por fé e graça. Assim, a sacralidade bíblica é reafirmada como digna palavra de Deus, “vaso de barro”, escolhida por Ele para transportar o tesouro da salvação em Cristo Jesus.

4 TESOUROS EM VASO DE BARRO: CRÍTICAS A INFALIBILIDADE DA ESCRITURA COMO PRINCÍPIO FORMAL

A imagem do “tesouro em vasos de barro” emerge no contexto da Segunda Epístola aos Coríntios, mais precisamente em 4.7: *“Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja que a excelência do poder provém de Deus, não de nós”*.¹⁸ Para compreender o peso hermenêutico dessa metáfora, é necessário situá-la em seu contexto literário e teológico imediato, pois somente a partir daí se torna possível extrair dela suas implicações para a questão da autoridade e da infalibilidade bíblica.

Paulo escreve em meio a uma crise de legitimidade apostólica. Os chamados “superapóstolos” questionavam sua autoridade com base em critérios externos: eloquência (cf. 2Co 10.10; 11.6), impressividade física (cf. 2Co 10.10), cartas de recomendação (cf. 2Co 3.1; 10.12,18), credenciais étnico-religiosas e ministeriais (cf. 2Co 11.22-23) e experiências espirituais extraordinárias (cf. 2Co 12.1-7). A resposta paulina reivindica algo distinto de uma dignidade intrínseca e procura um caminho outro que o de corresponder aos critérios de seus adversários. Antes, aponta para sua própria fraqueza como *locus* da ação divina. A fragilidade do vaso é, portanto, uma declaração teológica: é porque o vaso é frágil que a glória pertence ao tesouro. A humanidade vulnerável do apóstolo ilumina a mensagem, na medida em que torna evidente que o poder do Evangelho deriva daquele que é anunciado, e apenas dele.

¹⁶ BRAKEMEIER, 2004

¹⁷ BRAKEMEIER, 2004

¹⁸ BÍBLIA SAGRADA. Nova Almeida Atualizada, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP 2017, Edição Revista e Atualizada, 3a edição, 2Co 4.7.



Os vasos de barro (*ὄστρακίνοις σκεύεσιν*) aos quais Paulo se refere eram recipientes comuns no mundo mediterrâneo do século I, utensílios baratos, descartáveis, desprovidos de valor ornamental¹⁹. O evocar dessa imagem não é exclusivo do corpus paulino, mas ecoa declarações semelhantes do contexto greco-romano, como em Sêneca²⁰ e Marco Aurélio²¹. Eram utilizados vasos com frequência para guardar documentos preciosos e, conforme atestam descobertas arqueológicas como os manuscritos do Mar Morto, também textos sagrados. A escolha da metáfora é, portanto, deliberada. O contraste entre a insignificância do recipiente e o valor do conteúdo é o ponto teológico que Paulo deseja sublinhar, e é esse mesmo contraste que permite estender a metáfora, com rigor hermenêutico, à própria Escritura que testemunha o ministério apostólico.

O “tesouro” ao qual o apóstolo se refere é identificado no versículo anterior como “o conhecimento da glória de Deus no rosto de Jesus Cristo”, isto é, o Evangelho em sua forma mais concentrada, a revelação do Deus que se manifesta em Cristo. O vaso, por sua vez, é o apóstolo em sua condição humana e vulnerável, marcado por sofrimentos, perseguições e limitações de toda ordem. A Bíblia, como o apóstolo, é simultaneamente humana em sua forma e divina em seu conteúdo, e é precisamente nessa tensão que reside sua singularidade teológica. A fragilidade reconhecida no texto, suas condicionantes históricas, suas marcas culturais, suas tensões internas, serve à plenitude do tesouro. O modo como Deus escolheu falar se dá através da humanidade dos autores bíblicos e por meio dela. Brakemeier ao comentar o princípio evangélico-luterano do *Sola Scriptura* propõe:

“O que é a Bíblia? Para Lutero ela não é um ‘livro caído do céu’ infalível em cada uma de suas partes, um texto que exigisse incondicional submissão. A bíblia foi escrita por pessoas humanas, portanto, falíveis. Ela é testemunho (Atos 1.8). Ela é, para usar a comparação de Paulo, o vaso de barro que contém o tesouro do evangelho (2 Coríntios 4.7). Então, o que de fato é normativo na igreja é o *Evangelho de Jesus Cristo*, contido no testemunho da Sagrada Escritura”²²

Aceitar a metáfora paulina como chave hermenêutica implica consequências concretas para a leitura da Escritura. Reconhecer a dimensão humana do texto é, antes de tudo, uma exigência de honestidade intelectual diante dos dados que o próprio texto oferece e que a ciência bíblica moderna sistematizou ao longo dos últimos séculos, distinta de qualquer concessão ao ceticismo iluminista ou capitulação diante da modernidade. A ciência bíblica, surgida no contexto do Iluminismo e desenvolvida por meio de ferramentas metodológicas como a crítica textual, a crítica das fontes, a crítica da redação e a crítica histórica, permitiu

¹⁹ LOUW, J. P. - NIDA, E. A., in Greek-English lexicon of the New Testament: based on semantic domains, United Bible Societies, New York: 1996, versão eletrônica(logos), 6.118.

²⁰ SÊNECA. *De Consolatione ad Marciam*, XI. <https://www.thelatinlibrary.com/sen/sen.consolatione2.shtml>. Acesso em 7 de julho de 2026.

²¹ AURÉLIO, Marco. *Meditações*, livro VII, v.23. Tradução, introdução e notas de Alexandre Pires Vieira. [S.l.]: Montecristo Editora, 2019. 1 recurso online.

²² BRAKEMEIER, Gottfried. *Confessionalidade Luterana*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2024, p. 19



uma compreensão mais refinada das condições de produção dos textos bíblicos. Longe de constituírem uma ameaça à fé, esses instrumentos revelam algo que a própria Escritura preserva de forma aberta: ela é um documento profundamente humano, inscrito em contextos históricos específicos, redigido em línguas determinadas e moldado por tradições, conflitos e comunidades concretas.

Alguns dados ilustram essa humanidade de forma incontornável. As variantes textuais presentes nos manuscritos do Novo Testamento, ainda que a grande maioria seja de natureza ortográfica ou estilística, atestam que o texto passou por processos de transmissão sujeitos a erros, correções e adaptações ao longo dos séculos²³. As tensões narrativas entre os Evangelhos Sinóticos, como as diferenças nas genealogias de Mateus e Lucas ou nas narrativas da paixão, revelam perspectivas teológicas distintas que se enriquecem mutuamente em sua diversidade testemunhal, antes que se resolvam por harmonização forçada.

A cosmologia implícita em textos como Gênesis 1 reflete categorias de um mundo pré-científico que, lidas como descrições científicas, violentam tanto o texto quanto a própria ciência. Situar corretamente a autoridade bíblica é, assim, o caminho mais fiel ao próprio texto. Como observa Brakemeier, o problema do biblicismo está em tomar a Bíblia de forma errada, exigindo do texto uma perfeição factual que ele próprio jamais reivindicou para si²⁴. O Salmo 19 declara que a Escritura "converte a alma" e "torna sábio o simples", antes que afirme sua precisão científica. O critério de autoridade é, aqui, soteriológico, e apenas soteriológico.

O debate em torno da infalibilidade bíblica constitui, nesse horizonte, o ponto mais delicado da hermenêutica protestante contemporânea, precisamente porque envolve comprometimentos doutrinários ligados à identidade confessional de comunidades inteiras, para além de questões técnicas de interpretação. A posição que esta reflexão procura sustentar é a requalificação da infalibilidade bíblica a partir de uma distinção necessária: aquela entre uma infalibilidade formal e uma infalibilidade teleológica.

A infalibilidade formal, herdada da ortodoxia protestante dos séculos XVII e XVIII e sistematizada na doutrina da inerrância, afirma que cada afirmação contida na Escritura, seja ela histórica, científica, geográfica ou cosmológica, é isenta de erro. Essa posição surgiu como resposta apologética ao desafio católico e foi progressivamente radicalizada no contexto da modernidade como reação ao avanço do liberalismo teológico, e sua lógica interna é, em certa medida, compreensível: se a Bíblia pode errar em qualquer ponto verificável, como confiar nela em pontos inverificáveis, como a ressurreição ou a salvação?

Essa lógica, contudo, carrega consigo uma armadilha epistemológica de consequências consideráveis. Ao vincular a confiabilidade da mensagem salvífica à exatidão factual do documento, ela

²³ HOUGHTON, H. A. G.; PARKER, D. C.; ROBINSON, P.; WACHTEL, K. The Editio Critica Maior of the Greek New Testament: twenty years of digital collaboration. *Early Christianity*, Berlin, v. 11, n. 1, p. 97-117, 2020. DOI: 10.1628/ec-2020-0009.

²⁴ BRAKEMEIER, 2004



converte a fé em uma aposta histórica e científica permanentemente ameaçada. O resultado, de forma paradoxal, é uma fragilização da fé: cada nova descoberta arqueológica, cada avanço científico e cada tensão textual identificada pelos pesquisadores torna-se uma ameaça para o crente que fundou sua confiança nessa infalibilidade formal.

A tentativa de proteger a revelação por meio de uma blindagem racionalista acaba por expô-la a um tipo de vulnerabilidade que um critério soteriológico de autoridade tornaria desnecessária. A infalibilidade teleológica desloca o critério de avaliação. O texto bíblico é infalível porque ele cumpre seu propósito: conduzir o ser humano ao conhecimento salvífico de Deus em Cristo Jesus. Como afirma o próprio texto joanino, "estas, porém, foram escritas para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (cf. Jo 20.31).

O critério de suficiência e autoridade da Escritura é, nessa passagem, soteriológico, e é nessa direção que Barth articula sua compreensão ao afirmar que a Escritura é Palavra de Deus em virtude do evento em que o Espírito Santo a utiliza para gerar fé, arrependimento e nova obediência, antes que por uma qualidade estática inscrita no papel²⁵. Brakemeier observa: "Lutero não substituiu o papa de Roma por um 'papa de papel'²⁶" e acrescenta que "o papa luterano é Jesus Cristo, o Senhor da Igreja, a quem, porém, temos acesso unicamente pela Bíblia"²⁷. A infalibilidade, nesse quadro teológico, é uma qualidade do Deus que fala, e apenas dele. O vaso de barro pode ser imperfeito; o tesouro que ele carrega permanece incorruptível.

Essa distinção possui consequências pastorais e eclesiais de alcance considerável. Ela liberta o crente do peso de defender cada detalhe do texto contra os avanços da ciência e da história, permitindo que a atenção seja redirecionada para o núcleo da fé: a morte e ressurreição de Jesus Cristo como ato redentor de Deus em favor da humanidade (*Heilsgeschichte*). Ela também permite que a Igreja se engaje honestamente com as perguntas que a modernidade levantou, sem precisar fingir que tais perguntas já foram respondidas de forma satisfatória por uma fórmula doutrinal. O tesouro é precioso apesar das imperfeições do vaso e, em certo sentido, também através delas, na medida em que a própria fragilidade do meio torna ainda mais evidente a soberania e a graça daquele que escolheu falar por meio dele. A fé torna-se segura não por uma exigência racional e evidencial, mas pelo critério da Salvação em Cristo, promessa segura dada ao crente pelas águas do batismo.

5 A CIÊNCIA A SERVIÇO DA IGREJA

A aplicação de métodos científicos e críticos ao estudo das Escrituras, embora consolidada sob o ímpeto da razão autônoma e antropocentrista iluminista, não deve ser encarada pela Igreja como uma

²⁵ BARTH, 1986

²⁶ BRAKEMEIER, 2024, p. 20

²⁷ Idem.



ameaça à sua identidade. Pelo contrário, a história demonstra que a pesquisa científica, quando conduzida com objetividade, antes beneficia a comunidade de fé do que a prejudica, atuando como um filtro contra interpretações arbitrárias. Se a ciência “destrói” algo no âmbito religioso e confessional, ela só distrai o “podre” na fé - as superstições e as ilusões que impedem uma visão clara da mensagem cristã.²⁸

Entretanto, o reconhecimento da utilidade da ciência não deve ser confundido com uma adesão ingênua a qualquer discurso que reivindique autoridade acadêmica. Existe o risco de que o esforço científico seja travestido para servir agendas ideológicas prévias, perdendo sua objetividade. Sobre este perigo, Gottfried Brakemeier e Verner Hoefelmann (2021) alertam:

É claro que também a ciência pode ser manipulada e abusada. E isso acontece quando preconceitos determinam os estudos e quando os resultados são distorcidos conforme uma opinião já pronta. Nem tudo o que tem ares de ciência é efetivamente o que reivindica ser. Não a ciência, mas a pseudo-ciência, deve ser temida.²⁹

Portanto, a tarefa da igreja não é rejeitar a investigação racional, mas exercer um discernimento criterioso que saiba diferenciar rigor metodológico de “pseudo-ciência”. Somente uma pesquisa científica empreendida com honestidade e sem preconceitos pode ajudar a eliminar os fatores que obstruem uma visão límpida da fé.

Ademais, a ciência bíblica, especialmente a introdução e a exegese, possui um caráter histórico, visando reconstruir as circunstâncias que deram origem aos escritos sagrados. Como aponta Brakemeier (2021), a qualidade sagrada do Novo Testamento não reside na literalidade formal das palavras, mas no objeto e na causa que ele transporta: Jesus Cristo. Nesse sentido, o rigor científico é auxiliador, para que não se confunda o “tesouro” divino com o “vaso de barro” humano. Ao elucidar o contexto histórico, geográfico e linguístico dos autores, a ciência permite que a Igreja ouça o texto em sua língua própria, impedindo que a Escritura seja amordaçada por dogmatismos prévios ou manipulada para confirmar opiniões já prontas.

Para Karl Barth, a dogmática é a “autocrítica científica da igreja cristã relativamente ao conteúdo de sua linguagem própria sobre Deus”. A ciência serve à Igreja ao fornecer critério para testar se a proclamação atual está em conformidade com o testemunho revelado e atestado pelas Escrituras. Sem o auxílio desse exame crítico, a Igreja corre o risco de recair em um individualismo ou em um biblicismo legalista, onde a Bíblia é transformada em uma “lei” aceita de forma irrefletida e incondicional.

A exegese científica não se limita à simples descrição de fenômenos passados - ela deve prestar contas do que a Igreja deve ou não deve crer hoje. Como defende Brakemeier (2004), cabe à ciência bíblica

²⁸ BRAKEMEIER, Gottfried; HOEFELMANN, Verner. Evangelhos e Atos [Recurso Eletrônico] São Leopoldo, EST, 2021.

²⁹ BRAKEMEIER, Gottfried; HOEFELMANN, Verner. Evangelhos e Atos [Recurso Eletrônico] São Leopoldo, EST, 2021.



realizar não apenas “análise histórica”, mas também “síntese teológica” detectando o espírito contido na letra e o critério da fé verdadeira e falsa.

Portanto, a ciência bíblica coloca-se a serviço da Igreja ao lembrá-la de que Deus se revelou em um ser humano concreto da história. Ao tratar o texto bíblico com as ferramentas da ciência secular, a Igreja honra a encarnação de Jesus e reconhece que a autoridade da Bíblia não decorre de qualidades externas ao livro, mas da voz do Senhor que fala através desses frágeis e falíveis testemunhos humanos.

6 CONCLUSÃO

Para concluir este trabalho, propomos uma reflexão que transpõe as bases teóricas discutidas para a realidade concreta das comunidades de fé. Ao longo da pesquisa, buscou-se demonstrar que a autoridade das Escrituras não reside em uma infalibilidade formal ou em uma leitura técnica e absoluta da letra, o que denominamos, seguindo a crítica de Prien, como o "Papa de papel". Pelo contrário, a verdadeira normatividade bíblica é de natureza teológica, soteriológica, fundamentada na soberania de um Deus que escolhe falar através de testemunhos humanos, históricos e, portanto, intrinsecamente frágeis. A imagem paulina do "tesouro em vasos de barro" revelou-se a chave hermenêutica capaz de sustentar essa tensão: a qualidade sagrada do texto reside no objeto que ela transporta — Jesus Cristo — e não em uma perfeição factual ou científica do recipiente humano.

Nesse sentido, torna-se imperativo enfrentar o paternalismo acadêmico que muitas vezes domina a relação entre a universidade e a igreja. Existe, frequentemente, um receio por parte de estudiosos de que expor a dimensão humana e as tensões históricas da Bíblia possa abalar negativamente a fé dos membros da comunidade. No entanto, privar o povo desse conhecimento é mantê-lo em um estado de "menoridade" intelectual, contrariando a própria Escritura: "Meu povo foi destruído por falta de conhecimento" (cf. Os 4.6a). Como sustentado por Barth e Brakemeier, a verdade teológica e histórica não deve ser um segredo de gabinete, pois é a própria "autocrítica da Igreja" que garante que a fé não degenere em superstição, amuleto ou fanatismo. A verdade, embora possa parecer assustadora ao desconstruir seguranças infantis, é caminho para uma maturidade que nos aproxima do Cristo vivo.

Para que essa compreensão teológica floresça, as práticas eclesiais devem incentivar os membros a abandonarem a "dieta do leite" e a buscarem o "alimento sólido" ³⁰ por meio de um estudo crítico e consciente. Grupos de estudo nas comunidades não devem temer a comparação com textos paralelos ou o reconhecimento de divergências narrativas, como as que ocorrem entre os Sinóticos e o Evangelho de João. Essas divergências não são erros a serem harmonizados à força, mas evidências da riqueza de um Evangelho que se contextualiza e "se faz carne" em diferentes realidades. O exercício da autocrítica científica, portanto,

³⁰ cf. 1Co 3.2-4; Hb 5.14



serve à Igreja ao desmascarar leituras fundamentalistas e biblicismos legalistas que aprisionam a mensagem cristã a visões de mundo obsoletas. Foi Barth quem advertiu os leigos e teólogos:

Mas não é função da Sagrada Escritura ou da fé cristã representar uma visão de mundo definitiva. A fé cristã não está vinculada a uma visão de mundo antiga nem moderna. A confissão cristã, ao longo dos séculos, passou por mais de uma visão de mundo. E seus representantes sempre foram mal aconselhados quando acreditaram que esta ou aquela visão de mundo era uma expressão adequada para o que a Igreja tem a pensar (...) A Igreja deve ter cuidado para não se estabelecer com base em qualquer tipo de *Weltanschauung* (cosmovisão)³¹

O exercício da crítica não desautoriza a Escritura; desautoriza, antes, a pretensão de infalibilidade dos seus intérpretes. Como leitores falhos, precisamos do Espírito Santo — não para nos assegurar uma infalibilidade formal de leitura, mas para nos conduzir ao telos da própria Escritura: Jesus Cristo, a Palavra perfeita de Deus. E essa Palavra não se deixa aprisionar por completo em proposições dogmáticas racionais, por mais necessárias que estas sejam para a nossa fé. Cristo excede toda formulação que dele tentamos fazer — permanece, como o próprio Evangelho sugere, alguém que não se deixa reter (cf. Jo 7.30). A igreja, diante da crítica, constantemente se reforma e se forma à imagem de Jesus, a palavra definitiva de Deus, ou, como evidencia o lema popularizado por Barth em 1947: *Ecclesia reformata semper reformanda est secundum verbum Dei*.³²

Além disso, a prática homilética precisa ser resgatada como o evento vivo da Palavra. A pregação fiel não deve ser uma mera repetição de reportagens neutras do passado, mas um acontecimento em que o Espírito Santo toma a palavra humana para falar à Igreja hoje. Para isso, a ciência bíblica presta um serviço indispensável ao fornecer o critério necessário para testar se a linguagem da Igreja sobre Deus permanece em conformidade com o testemunho apostólico original, mantendo Jesus Cristo como o centro gravitacional que impede a decomposição das partes.

Em última análise, o reconhecimento da humanidade da Escritura — o seu caráter de "vaso de barro" — dignifica a própria encarnação de Jesus na história. Ao tratar o texto com rigor científico e honestidade intelectual, a Igreja não destrói a fé, mas a purifica das ilusões de controle humano sobre o divino. Somente uma comunidade que não teme a investigação da verdade pode experimentar a liberdade do cristão, sabendo que a autoridade bíblica não depende do papel e da tinta, mas da voz do Senhor que continua a ecoar, poderosa e libertadora, através da fragilidade humana.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Marco. **Meditações**, livro VII, v.23. Tradução, introdução e notas de Alexandre Pires Vieira. [S.l.]: Montecristo Editora, 2019. 1 recurso online.

³¹ BARTH, Karl. *Dogmatics in Outline*. London: SCM press, 1949, p. 59 (tradução nossa)

³² Do latim: “A igreja reformada sempre se reforma segundo a Palavra de Deus”



BARTH, Karl. **Dádiva e louvor**: ensaios teológicos. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

BARTH, Karl. **Dogmatics in outline**. London: SCM Press, 1949.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Almeida Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Confessionalidade luterana**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2024.

_____. Somente a Escritura: avaliação de um princípio protestante. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 1, p. 37-45, 2004.

_____. HOEFELMANN, Verner. **Evangelhos e Atos** [recurso eletrônico]. São Leopoldo: EST, 2021.

CARVALHO, Alonso Bezerra de. Desencantamento do mundo e ética na ação pedagógica: reflexões a partir de Max Weber. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 2, p. 585-598, ago. 2010.

GRUPILLO, Arthur. Kant e as ambiguidades da religião nos limites da simples razão. **Kant e-prints**, Campinas, v. 18, n. 00, p. 7-26, 2023. DOI: 10.20396/kant.v18i00.8673525. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/kant/article/view/8673525>. Acesso em: 27 maio 2026.

HOUGHTON, H. A. G.; PARKER, D. C.; ROBINSON, P.; WACHTEL, K. The Editio Critica Maior of the Greek New Testament: twenty years of digital collaboration. **Early Christianity**, Berlin, v. 11, n. 1, p. 97-117, 2020. DOI: 10.1628/ec-2020-0009.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é "esclarecimento" ["Aufklärung"]? In: KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Edição bilíngue. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KIERKEGAARD, Søren. **Philosophical fragments**. Tradução de Howard V. Hong e Edna H. Hong. Princeton: Princeton University Press, 1985.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOUW, J. P.; NIDA, E. A. **Greek-English lexicon of the New Testament**: based on semantic domains. New York: United Bible Societies, 1996. Versão eletrônica (Logos).

LUTERO, Martinho. Prefácio aos livros do Novo Testamento (1522). In: LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**: v. 8: interpretação bíblica – princípios. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003.

LUTHER, Martin. **Acta et res gestae, D. Martini Lutheri, in comitiis principu[m] Wormaciae**. Straßburg: Schott, 1521. 14 f. Disponível em: <https://mdz-nbn-resolving.de/details:bsb00027453>. Acesso em: 7 jul. 2026.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PRIEN, Hans-Jürgen. Palavra divina e palavra humana na Bíblia, ou a questão: onde está a verdade? **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p. 79-91, 1970.



SCHLEIERMACHER, Friedrich. **The Christian faith**. Edinburgh: T&T Clark, 1928.

SÊNECA. **De consolatione ad Marciam**. <https://www.thelatinlibrary.com/sen/sen.consolatione2.shtml>. Acesso em 7 de julho de 2026.